

WILLEM ROELOFS E A COR NA PAISAGEM NOVECENTISTA HOLANDESA

Felipe da Silva Corrêa¹

No inverno de 1894, poucos anos antes de sua morte, o pintor holandês Willem Roelofs envia uma carta a seu amigo Henri Hymans, relatando uma viagem feita com seus filhos à Suíça. Nela, o pintor escreve:

*“Je dois vous avouer que j’ai trouvé ce pays de grandes montagnes superbe ! et que je ferais avec le plus grand plaisir un autre voyage analogue, mais je ne songerais jamais à peindre cette nature. Je crois positivement que la nature la plus faite pour être reproduite en peinture est le paysage modeste et qui paraît ordinairement le plus insignifiant. Les tableaux des hautes montagnes et des grandes scènes comme ceux de la Suisse me plaisent médiocrement et aucune de ces peintures m’a laissé des souvenirs bien profonds.”*²

[Eu devo lhe confessar que achei soberbo aquele país de grandes montanhas e que faria com o maior prazer uma viagem análoga, mas não sonharia nunca em pintar aquela natureza. Eu creio positivamente que a natureza mais feita para ser reproduzida em pintura é a paisagem modesta e que parece ordinariamente a mais insignificante. Os quadros de altas montanhas e grandes cenas como os da Suíça me agradam mediocrementemente e nenhuma dessas pinturas me deixou lembranças bem profundas.]

Poucos anos antes desta carta, em 1889, Roelofs participa da Exposição Universal em Paris com três telas e uma aquarela, que exemplificam bem a “paisagem modesta” que ele buscava. Seu envio de pinturas a óleo para o Champ de Mars consistia nos quadros *Après-midi en Hollande* (Tarde na Holanda, fig. 1), que se encontra hoje no Museu Mariano Procópio e representa uma planície na qual um rebanho bovino descansa à beira de um pântano ou rio, *Bords du Rhin en Hollande* (Margens do Reno na Holanda, fig. 2), representando um pequeno rebanho andando pelas margens do Reno, *Polder à Noorden en Hollande* (Pântano em Noorden, na Holanda, fig. 3), mostrando um pântano repleto de nenúfares e um pescador dentro de um bote no centro da cena. A aquarela consta no catálogo como *Paysage en Hollande* (Paisagem na Holanda), mas não é possível saber de qual obra se trata.³

Dessas quatro obras, a única que se encontra em um museu público e da qual se conhecem reproduções a cores é *Tarde na Holanda*. Diante deste quadro, o espectador se depara com uma paisagem

¹ Bacharel em Artes e Design pela Universidade Federal de Juiz de Fora, cursa mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² JELTES, H. F. W. Willem Roelofs. **Bijzonderheden betreffende zijn leven en zijn werk, met brieven en anderen bijlagen**, pp. 150-151. Amsterdã: P. N. van Kampen, 1911.

³ Esta aquarela figura apenas em um catálogo específico da Seção Neerlandesa, publicado em Haia e não aparece nem no catálogo geral da exposição, nem no formulário de envio de obras de arte assinado por Roelofs, disponível no Arquivo Municipal de Haia.

feita a partir de um cenário simples: uma planície com um horizonte muito distante, um céu ocupando a maior parte do quadro, um espelho d'água e nenhuma árvore. O cenário em questão são provavelmente as planícies de Gouda e as margens do rio Schie. As vacas ali pintadas descansam preguiçosamente no calor da tarde, enquanto o céu, acima delas, parece movimentar-se em direção a uma mudança climática. Se Roelofs não buscou aqui o drama dos rochedos e das montanhas ou das grandes árvores de troncos retorcidos, ele buscou, na mais simples planície e no marasmo do campo holandês, o movimento do céu e a umidade da grama, em uma natureza que ele conhece intimamente.

Neste quadro de consideráveis dimensões, Roelofs aproxima o espectador da paisagem e quase o coloca sob seu grande céu, através de uma fatura espessa e uma cor que nos parece muito honesta. Como um todo, a paisagem é um conjunto harmonioso, de uma geometria simples e um colorido acinzentado. No céu, as nuvens um pouco cinzentas ganham movimento através de pinceladas em diferentes direções; por vezes, nas áreas mais escuras, as diferentes camadas de azul e branco são deixadas em evidência através da técnica do *frottis*; em outros momentos, partes mais claras são insinuadas através de pinceladas mais soltas e empastadas. Outros empastamentos são vistos nos corpos das vacas, formados por sobreposições de diversas camadas espessas de cores diferentes, e nos nenúfares que povoam a parte inferior do quadro. A impressão de que estes últimos flutuam é destacada pelo contraste com os reflexos na água, nos quais as camadas de tinta aplicadas são mais diluídas e lisas.

O sentido de harmonia se fortalece através de tons cinzentos que ressoam em todo o quadro. O cinza azulado do céu se repete na água; o verde amarelado da grama se repete em partes da cerca e do corpo da vaca que se encontra na ponta esquerda; estas últimas, por sua vez, possuem o mesmo tom de marrom acinzentado; os nenúfares formam uma ressonância ou uma continuidade do verde do gramado; e, neste gramado, existem sombras e alguns pontos que repetem o azul mais escuro do céu e dos baldes deixados ao lado da figura que descansa encostada na cerca. De acordo com Arie Wallert e Michel van de Laar em um artigo no catálogo *De adem der natuur*, parte da técnica de Roelofs consistia em demarcar primeiramente a linha do horizonte, para depois começar o céu de baixo para cima e continuar o resto do quadro simultaneamente, fazendo alterações por toda sua superfície, conforme necessário. Em *Après-midi en Hollande*, este emprego da cor faz com que toda a cena seja envolvida na atmosfera úmida de verão sugerida pelo céu e pela grama.

Em uma carta famosa de Roelofs a seu aluno Smissaert, publicada no apêndice da biografia publicada por Jeltens em 1911, Roelofs deixa clara sua posição de que o pintor de paisagem deveria compor a paisagem como música: ser fiel à natureza não significaria apenas copiá-la e reproduzir literalmente suas cores, mas obter um resultado que fosse, em suas palavras, “tão harmonioso quanto a natureza o é”. Assim, deixa claro também que os estudos feitos ao ar livre, de forma rápida e espontânea, seriam apenas estudos, enquanto os quadros prontos resultariam de aprimoramento da composição em ateliê.

Tarde na Holanda, assim como os outros quadros levados por Roelofs a Paris em 1889, resulta de viagens constantemente feitas pelo artista aos campos de Gouda e Doesburg durante os verões da década de 1880. Diversos estudos foram produzidos nesses locais, para serem usados posteriormente em seu ateliê em Bruxelas, durante o inverno. Para *Après-midi en Hollande*, Roelofs fez pelo menos cinco estudos em Gouda em 1886.

É impossível saber ao certo em qual ordem eles foram feitos a não ser por dedução. No entanto, é muito provável que o óleo sobre painel leiloadado pela Christie's em 2003 (fig. 4) tenha sido o primeiro deles, se levarmos em consideração suas próprias características. Sem contorno algum, as diferentes formas que mais tarde estariam presentes no quadro exposto em Paris aparecem aqui apenas insinuadas, sem detalhamento. Toda a composição parece ter sido pintada sobre um fundo azul muito rapidamente, de modo que as manchas correspondentes aos elementos da paisagem quase se misturam. É, assim, um estudo que dá a impressão de uma pintura feita rapidamente para se capturar a posição de um rebanho na paisagem e uma condição atmosférica específica.

Imaginamos que este estudo tenha sido seguido por um outro, feito em aquarela e conservado hoje no Stedelijk Museum (fig. 05). Nele, a composição se assemelha muito à do primeiro, porém mais organizada e com um maior nível de detalhamento. A cor, porém, aparece um tanto pálida, com um papel um pouco secundário em relação ao desenho. Este estudo parece um primeiro experimento mais elaborado da paisagem que havia sido apreendida anteriormente.

Um outro estudo, feito a lápis, carvão e giz preto e pertencente ao Instituut Collectie Nederland em Rijswijk (fig. 6), parece acrescentar elementos compositivos em relação a esta primeira aquarela. Aqui, o desenho é, naturalmente, monocromático e as mudanças dizem mais respeito à composição dos elementos no espaço da tela. O formato da cerca e das vacas sofre ajustes em diversas partes e alguns utensílios são colocados à esquerda do rebanho. A margem do rio, que antes se encontrava ligeiramente inclinada, aqui aparece quase totalmente reta.

A este, talvez siga um outro, uma aquarela que conhecemos apenas em reprodução preta e branca (fig. 7). Nela, a tentativa de ajuste compositivo foi um pouco mais radical: além dos ajustes na cerca, que em boa parte foram mantidos no estudo seguinte e no quadro final, Roelofs move algumas vacas de posição e decide acrescentar uma *figura* humana à cena, que é posta ordenhando uma das vacas. Por esse motivo, talvez, todos esses estudos, com exceção do primeiro, ficaram conhecidos como *Melkbocht aan de Schie* (Ordenha à beira do Schie). O primeiro ficou conhecido pelo nome que se encontra em seu verso: *Après-midi à Gouda* (Tarde em Gouda).

O último deles, pertencente ao Museu de Dordrecht (fig. 8), é o mais aproximado do quadro do Museu Mariano Procópio. Neste desenho a carvão e giz preto, Roelofs volta atrás em alguns ajustes feitos na

aquarela anterior: as vacas voltam para a posição original, os utensílios são novamente postos do lado direito; mantém-se a cerca de maneira semelhante, assim como a presença do camponês, porém este é posto também à direita do rebanho. Se comparado com o quadro, este desenho já parece o projeto final a apenas ser executado na tela.

Como mencionamos, outros quadros surgem de maneira semelhante a partir dos estudos feitos em Gouda e Doesburg. Um dos quadros enviados junto com *Après-midi* para Paris, *Bords du Rhin en Hollande*, embora não tenha sua localização conhecida, possui pelo menos três estudos conhecidos, que foram publicados há alguns anos no catálogo *De adem der natuur*. Trata-se de um esboço a lápis (fig. 9), um estudo em nanquim (fig. 10) e uma aquarela (fig. 11)

Outras obras e estudos provenientes dessas incursões deixam ainda mais clara a continuidade existente entre elas e *Après-midi en Hollande*. Existem diversos desenhos a lápis e a carvão feitos a partir da natureza e com muitas anotações que apresentam algumas semelhanças com a tela e que mostram como *Après-midi* se faz não somente a partir de seus próprios estudos, mas também de uma frequência e um estudo constantes da natureza.

Um bom exemplo dessa ligação, no entanto, é o quadro *Koeien die gemolken worden in een regenbui* (Vacas sendo ordenhadas na chuva, fig. 12), pintado a partir de um esboço rápido a giz preto (fig. 13) e após um estudo minucioso a óleo sobre painel (fig. 14). É bastante possível imaginar que Roelofs, mesmo em sua velhice tenha feito um estudo ao ar livre em tais condições climáticas. A partir de relatos, Jeltens conta, em sua biografia, que Roelofs nesta época contava sempre com a ajuda de Smissaert para capturar cenas nesse tipo de situação. Tanto o estudo a óleo quanto o quadro possuem semelhanças com *Tarde na Holanda*. No estudo, o colorido é bastante semelhante, embora mais escuro. Já a tela é bem mais escura e tem muito mais bem expresso o movimento da chuva sobre a planície; o verde do estudo é substituído por um verde esmeralda intenso e o céu escuro chega a ser arroxeadado. De qualquer forma, os recursos de ressonância cromática e a harmonia dada pela atmosfera presentes em *Après-midi* também estão presentes tanto no estudo quanto no quadro. Não se pode deixar de lado também a relação entre o que se retrata nessas obras provenientes de Gouda. Se em *Tarde na Holanda* encontramos um rebanho que descansa no calor que forma as nuvens, em *Vacas sendo ordenhadas na chuva* o personagem que antes descansava junto de seus baldes encontra-se ordenhando o rebanho sob uma pesada chuva.

Com as imagens postas lado a lado, é como se pudéssemos ver dois momentos de um mesmo dia. A mudança climática iminente ou a chuva de verão conferem à paisagem mais modesta a vibração que talvez lhes falte, pois assim a inserem em lugar no tempo. Nessa pintura de atmosfera e vegetação é como se Roelofs quisesse nos fazer ver um momento específico de sua memória. De sua memória, porque o que pinta não é de imediato e não reproduz exatamente o que ele viu, mas a combinação de uma paisagem apreendida em um momento com o acúmulo de experiências de uma longa vivência na natureza. É como se o artista

septuagenário, habitante da cidade e frequentador da natureza, quisesse nos permitir ver por uma última vez um mundo que em breve não existirá mais.



Fig. 1: Willem Roelofs. **Après-midi en Hollande, ou Melkbocht aan de Schie.** circa 1886-9. 111 x 160 cm. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.

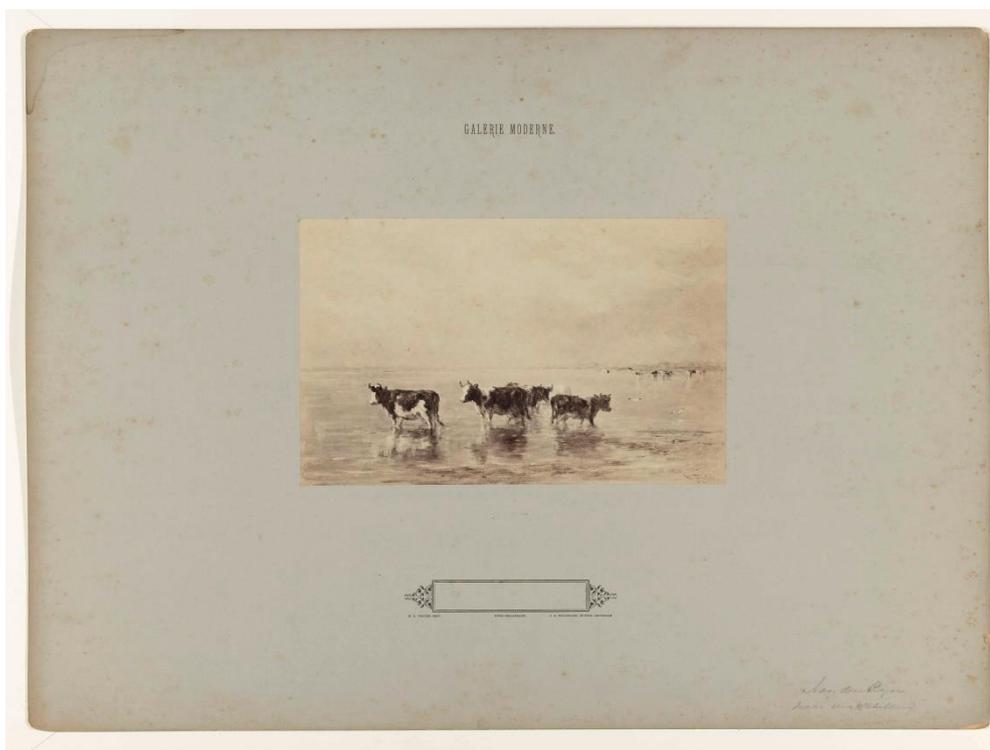


Fig. 2: Maurits Vermeer. Reprodução fotográfica de **Bords du Rhin en Hollande** em albumina, 19,4 x 29,3 cm. Rijksmuseum. Amsterdã.



Fig. 3: Maurits Verveer. Reprodução fotográfica de **Polder à Noorden en Hollande** em albumina com assinatura do pintor na prancha, 19,4 x 29,3 cm. Rijksmuseum. Amsterdã.



Fig. 4: Willem Roelofs. **Après-midi à Gouda** (Estudo para *Après-midi en Hollande*) 1886. Título e data no verso, óleo sobre tela em painel, 29,5 x 44 cm. Coleção particular (vendido pela Christie's em 2001).



Fig. 5: Willem Roelofs. **Melkbocht aan de Schie** (estudo para *Après-midi en Hollande*), ca. 1886. Aquarela, 50 x 75 cm. Stedelijk Museum. Amsterdã.



Fig. 6: Willem Roelofs. **Melkbocht aan de Schie** (estudo para *Après-midi en Hollande*), ca. 1886. Lápis, carvão e giz preto sobre papel, 54 x 78 cm. Instituut Collectie Nederland, Rijswijk.



Fig. 7: Willem Roelofs. **Melkbocht aan de Schie** (estudo em aquarela para *Après-midi en Hollande*), ca. 1886. 32 x 51 cm. Coleção privada.



Fig. 8: Willem Roelofs. **Melkbocht aan de Schie** (estudo para *Après-midi en Hollande*), ca. 1886. Carvão e giz preto sobre papel, 28,7 x 45,4 cm. Dordrecht Museum, Dordrecht.

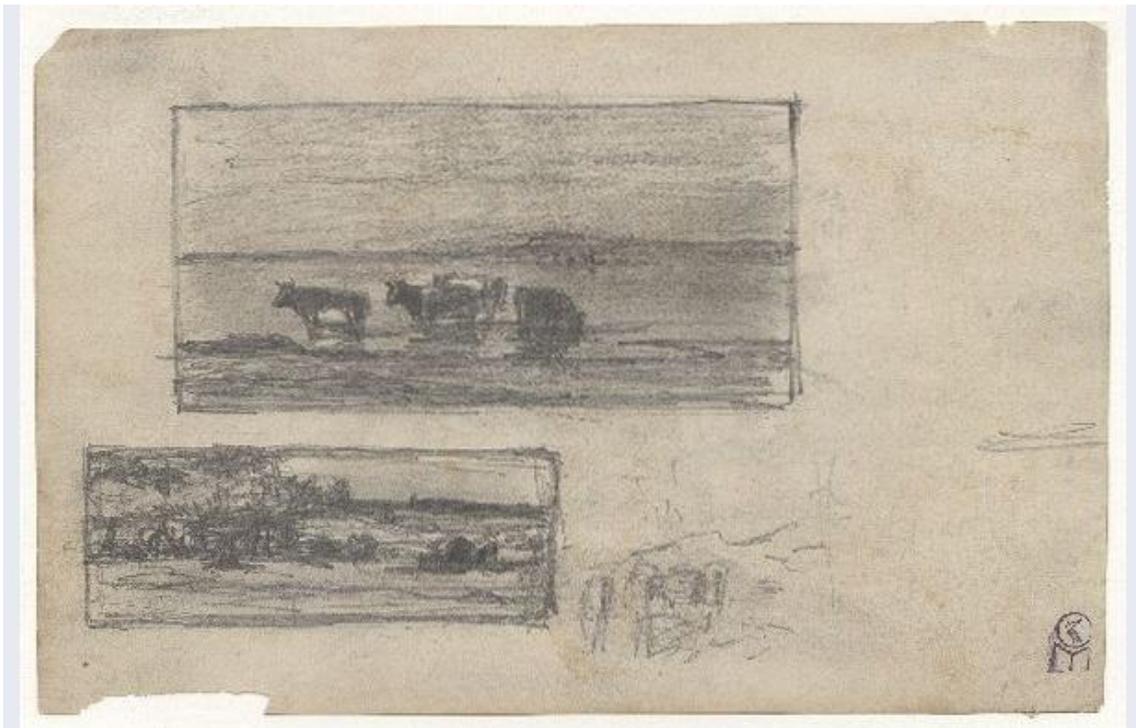


Fig. 9: Willem Roelofs. Rascunhos a lápis. 143 x 222 mm. Gemeentemuseum, Haia.



Fig. 10: Willem Roelofs. **Vee aan de oever van de Ijssel.** Aguada de Nanquin, 172 x 270 mm. Localização desconhecida.



Fig. 11: Willem Roelofs. **Koeien aan de oever van de Ijssel.** Aquarela com esboço a lápis. 52 x 74 cm.
Coleção privada.



Fig. 12: Willem Roelofs. **Koeien die gemolken worden in een regenbui.** Óleo sobre tela, 52 x 93 cm.
Coleção privada.



Fig. 13: Willem Roelofs. **Koeien die gemolken worden in een regenbui.** Giz preto sobre papel, 159 x 264 mm. Gemeentemuseum, Haia.



Fig. 14:: Willem Roelofs. **Koeien die gemolken worden (Gouda).** Óleo sobre painel, 22 x 41 cm. Coleção privada.

Referências Bibliográficas

DUMAS, F.G. **Exposition Universelle de 1889 - Catalogue illustré des Beaux-Arts**. Lille : L. Daniel, 1889.

BODT, Saskia de. **Halvewerge Parijs: Willem Roelofs en de nederlandse schilderskolonie in Brussel 1840-1890**. Gent: Snoeck-Ducaju & Zoon, 1995.

EXPOSITION Universelle Internationale. **Catalogue de la Séction Néerlandaise des Beaux-Arts**. Haia : Mouton & Cie, 1889.

GRUYTER, Josiah De. **De Haagse School**, vol. 1. Roterdã: Lemniscat, 1968.

HETEREN, Marjan van; RIJDT, Robert-Jan te. **Willem Roelofs, 1822-1897. De adem der natuur**. Bussum: Thoth, 2006

JELTES, H. F. W. **Willem Roelofs. Bijzonderheden betreffende zijn leven en zijn werk, met brieven en anderen bijlagen**. Amsterdã: P. N. van Kampen, 1911.